

# UFPE faz exposição de acervo arqueológico

Peças utilitárias dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX serão vistas até por leigos nesse assunto

Simone Franco

Até o final de dezembro, significativo acervo de peças utilitárias dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, recolhida em um dos maiores projetos brasileiros de arqueologia histórica, estará permanentemente aberto ao público. A iniciativa é do Núcleo de Estudos Arqueológico (NEA) do Departamento de História da UFPE, que decidiu expor pequena parcela das 20 mil peças encontradas nas escavações da Missão de Nossa Senhora do Desterro de Gramació, em Vila Flor, Rio Grande do Norte. Segundo o pesquisador Paulo Tadeu de Souza Albuquerque, foram detectados, inclusive, indícios de ocupação pré-histórica por grupos ceramistas tupi-guarani, no local estimada em mais de dois mil anos.

Moedas, tigelas e cachimbos de cerâmica, louças de origem portuguesa, inglesa, oriental e indígena — foram coletadas na missão carmelita, uma das sete registradas pela História do Brasil. O trabalho, iniciado em 1987, resultou em uma descoberta surpreendente na cidade, "o mais antigo exemplo de urbanismo planejado no País", conforme frisa Paulo Tadeu Albuquerque. Encontrou-se a estrutura de um pelourinho, espaço onde os negros fugitivos eram castigados e vendidos, erguido em 7 de outubro de 1762. O arqueólogo afirma que a existência do monumento denota a importância de Vila Flor para a região, onde nem todas as localidades dispunham de edificações do gênero.

O sítio-escola situa-se no litoral do Rio Grande do Norte, distante uma hora de Natal. A construção da cidade começa em 1700 com a chegada da missão carmelita, disposta a catequizar a população indígena. É nessa época que também se cumpre um alvará régio, ordenando o assentamento de 100 casas na área, documento que dá a posse legal das terras aos religiosos. Em 1759, entretanto, o Marquês de Pombal decide expulsar as ordens católicas do Brasil. O aldeamento de Gramació transforma-se em Vila Flor, conseguindo continuar próspera graças à produção de açúcar, sal e criação de gado.

**Acervo arqueológico** — O projeto Vila Flor tencionava identificar as estruturas arqueológicas da cidade e dar tratamento urbanístico à "Grande Praça" lá existente. O espaço da praça foi dividido em duas áreas de prospecção, localizando-se a primeira, "A", na lateral-direita da Igreja de Nossa Senhora do Desterro. Neste segmento foram encontrados material cerâmico indígena, tanto liso quanto com decoração geométrica, um enterramento depositado em vala rasa-identificado como indivíduo indo-europeu, de alta estatura, em bom estado de conservação —, fragmentos de louça e porcelana européia e oriental, além de moedas em cobre portuguesas e brasileiras.

Paralelamente à "Área A", foi implantando outro trecho de escavação, iniciado em frente à Igreja na rua Cromáció Calafange. Foram identificados restos de fogueiras de uso doméstico, algumas

marcas de estacas estruturais de prédio residencial, fragmentos de garrafas de vidro e de cerâmica vitrificada de origem inglesa — cacos de telha de fabricação local, moedas, além de ossos de animais de consumo doméstico. Ao longo da área escavada, foram descobertos, ainda, uma sequência de alcerces integrante do antigo aldeamento de Gramació e pelourinho. No final da rua está o cemitério local, que tem, ao centro, uma estrutura arquitetônica antiga e desgastada, suspeita de ter sido as bases de uma capela primitiva.

**Restauração** — De posse dos achados arqueológicos, os pesquisadores do NEA trataram de estudá-los e providenciar a restauração de algumas peças. O trabalho conta com acompanhamento direto da coordenadora de Pós-Graduação em História, Gabriela Martins Avila. O serviço exige muita paciência e habilidade para deduzir o formato de um objeto reduzido a cacos. Com apenas a base e um dos lados da peça, a professora confirma a possibilidade de se desvender o seu perfil e pontos principais.

A maioria das peças, especialmente as decoradas, eram utilizadas como urnas funerárias. Outras tinham função votiva, destinada ao depósito de oferendas. Há todo um ritual que precede a montagem do material. A artista plástica e restauradora Heloísa Del'Arco explica que, inicialmente, as peças são limpas com lâmina de bisturi e sua tinta fixada com verniz acrílico. O estágio final é a colagem dos fragmentos com gesso. De acordo com Gabriela Martin, só em cemitérios não violados encontram-se peças inteiras. Em Vila Flor, apenas uma peça foi descoberta nessas condições.



Gabriela (E): "Paciência e habilidade"



Paulo Tadeu; "indícios pré-históricos"



A artista plástica Heloísa Del'Arco mostra como as peças recolhidas são limpas, pintadas e colocadas

## ARQUEOLOGIA

### Forte de Óbidos é estudado

Respalçados pelo pioneirismo na instalação de um laboratório de arqueologia histórica no Brasil, pesquisadores do departamento de História da UFPE se lançaram nas matas amazônicas para estudar uma edificação singular: o Forte de Óbidos. Exemplar mais recente de fortificação, datado do século XIX, o prédio difere dos demais analisados pelos arqueólogos pernambucanos, por sua diferente concepção arquitetônica. Não apresenta bastião — pontos de vigilância da fortificação —, é semi-circular e possui os reservatórios de água no interior das paredes.

Ao contrário da função usual de edificações do gênero, o Forte de Óbidos era utilizado como ponto de coleta de taxas alfandegárias. Sua muralha é bastante rebaixada em relação aos padrões normais, estratégia adotada com o surgimen-

to de armas raídas — de cano espiralado internamente —, na tentativa de diminuir o alvo do inimigo. "Com a mudança de tática, também se modifica o seu modo de utilização e categoria funcional", informa o arqueólogo Marcos Albuquerque, à frente do laboratório desde sua criação, em 1965.

A pesquisa na Região Amazônica durou quatro anos. No período, forneceram-se elementos científicos para a restauração do Forte, passível de ser transformado em museu, a exemplo do Forte do Brum e Cinco Pontas, no Recife. Segundo Marcos Albuquerque, sua missão, no século passado, era guarnecer a parte alta do rio Amazonas. Foi estrategicamente instalado no único trecho de acesso a Manaus, parte mais estreita do rio, com dois quilômetros de largura e 80 metros de profundidade.



Albuquerque: "Mudança de tática"

## História: reformular o teor

Projeto pretende mostrar novas facetas de Pernambuco e do Nordeste há muito tempo postas de lado

Escravos, artesãos e homens livres pobres vão deixar a marginalidade e ter seu momento de glória dentro de um projeto que tenta reformular a história de Pernambuco e do Nordeste do século XIX. O desafio foi lançado por uma equipe integrada pelos professores de História, Economia e Direito da UFPE, que pretende remexer no panorama político, econômico e cultural da época e resgatar a contribuição dos setores mais discriminados da sociedade nessas áreas.

O interesse dos pesquisadores parte do reconhecimento da significativa participação desses segmentos no cenário urbano do século, permeado por revoluções

escravagistas e manifestações de repúdio à presença dos portugueses na região. A Divisão Interdisciplinar da História do Nordeste quer destacar os papéis dos grupos que estão fora da historiografia nacional. "Com o estudo desses movimentos é possível recuperar seus anseios e discernir até que ponto agiam por consciência ou estavam sujeitos à manipulação da elite", explicou Marc Jay Hoffnagel, vice-coordenador do mestrado em História.

O Recife sempre foi caracterizado por sua ebulição política e é nesse contexto que as classes marginalizadas demonstram sua força e organização. Para desvendar a situação econômica de ativas políticos pobres, outro ob-

jetivo do trabalho, serão feitos levantamentos até em cantos da Capital. As análises, no entanto, que também incluem um inventário sobre a industrialização no século XIX e 1ª república, serão encaminhadas pelo professor de Economia, José Vergolino.

**Literatura de cordel** — Com doutorado em História Medieval espanhola e portuguesa, o professor Marco Antônio de Oliveira Pais direcionou sua parte no projeto ao estudo das relações entre a cultura ibérica e nordestina. O meio escolhido foi a literatura de cordel que, escrita em linguagem popular, mantinha a história básica das obras clássicas européias. "Essas histórias medievais eram levadas aos cantadores, que recriavam nos folhetos. O interessante de tudo isso é o fato de se incorporar uma cultura longínqua", comenta Marco Antônio Pais.



Hoffnagel: "Até onde age a consciência"



Marco Antônio: "História nos folhetos"



Crânios de homens que viveram há mais de 6 mil anos, também fazem parte do material resgatado

ALÔ

CLASSILÍDER

424-4600

O NOVO NÚMERO DOS ANÚNCIOS CLASSIFICADOS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO.



DIÁRIO DE PERNAMBUCO  
O SEU LÍDER DIÁRIO